

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

4º BIMESTRE

AUTORIA

LUCILENE QUINTANILHA DE MELLO

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

O Tempo e o Vento – O Certo Capitão Rodrigo

Criado pelo escritor gaúcho Erico Veríssimo, o Capitão Rodrigo Cambará é uma das mais célebres personagens da literatura brasileira. Dono de um temperamento alegre e espirituoso, amante da liberdade e sem moradia fixa, chegou à pequena santa Fé (povoado fictício do interior do Rio Grande do Sul) após travar inúmeras batalhas na banda oriental do Estado.

Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o capitão Rodrigo Cambará entrara na vida de santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macha altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chinelas de prata e o busto musculoso apertado num dólmã militar azul, com gola vermelha e botões de metal. Tinha um violão a tiracolo; sua espada, apresilhada aos arreios, rebrilhava ao sol daquela tarde de outubro de 1828 e o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira. Apeou na frente da venda do Nicolau, amarrou o alazão no tronco de um cinamomo, entrou arrastando as esporas, batendo na coxa direita com o rebenque, e foi logo gritando, assim com ar de velho conhecido:

– Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!

Havia por ali uns dois ou três homens, que o miraram de soslaio sem dizer palavra. Mas dum canto da sala ergueu-se um moço moreno, que puxou a faca, olhou para Rodrigo e exclamou:

– Pois dê!

Os outros homens afastaram-se como para deixar a arena livre, e Nicolau, atrás do balcão, começou a gritar:

– Aqui dentro não! Lá fora! Lá fora!

Rodrigo, porém, sorria, imóvel, de pernas abertas, rebenque pendente do pulso, mãos na cintura, olhando para o outro com um ar que era ao mesmo tempo de desafio e simpatia.

Incomodou-se amigo? – Perguntou, jovial, examinando o rapaz de alto a baixo.

– Não sou de briga, mas não costumo aguentar desaforo.

– Oô! bicho bom!

Os olhos de Rodrigo tinham uma expressão cômica.

– Essa sai ou não sai? – perguntou alguém do lado de fora, vendo que Rodrigo não desembainhava a adaga. O recém-chegado voltou à cabeça e respondeu calmo:

– Não sai. Estou cansado de pelear. Não quero puxar arma pelo menos por um mês. – Voltou-se para o homem moreno e, num tom sério e conciliador, disse:

– Guarda a arma, amigo.

O outro, entretanto, continuou de cenho fechado e faca em punho. Era um tipo indiático, de grossas sobrancelhas negras e zigomas salientes.

– Vamos, companheiro – insistiu Rodrigo. – homem não briga de balde. Eu não quis ofender ninguém. Foi uma maneira de falar...

Depois de alguma relutância o outro guardou a arma, meio desajeitado, e Rodrigo estendeu-lhe a mão, dizendo:

– Aperte os ossos.

O caboclo teve uma breve hesitação, mas por fim, sempre sério, apertou a mão que Rodrigo lhe oferecia.

– Agora vamos tomar um trago – convidou este último.

– mas eu pago – disse o outro.

Tinha lábios grossos, dum pardo avermelhado e ressequido.

– O convite é meu.

– Mas eu pago – repetiu o caboclo.

Está bem. Não vamos brigar por isso.

Aproximaram-se do balcão.

– duas caninhas! – pediu Rodrigo.

Nicolau olhava para os dois homens com um sorriso desdentado na cara de lua cheia, onde apontava uma barba grossa e falha.

– É da boa – disse ele, abrindo uma garrafa de cachaça e enchendo dois copinhos.

Houve um silêncio durante o qual ambos beberam: o moço em pequenos goles, e Rodrigo dum sorvo só, fazendo barulho e por fim estralando os lábios.

Tornou a pôr o copo sobre o balcão, voltou-se para o homem moreno e disse:

– Meu nome é Rodrigo Cambará. Como é a sua graça?

– Juvenal Terra.

– Mora aqui no povo?

– Moro.

– Criador?

O outro sacudiu a cabeça negativamente.

– Faço carreatas daqui pro Rio Pardo e de lá pra cá.

– Mais um trago?

– Não sou de pouca bebida.

Rodrigo tornou a encher o copo dizendo:

– Pois comigo, companheiro, a coisa é diferente. Não tenho meios medidas. Ou é oito ou oitenta.

Hai gente de todo jeito – limitou-se a dizer Juvenal.

Rodrigo olhou para o vendeiro.

Como é sua graça mesmo, amigo?

Nicolau.

– Será que pode arranjar por aí alguma coisa de comer?

Nicolau coçou a cabeça.

Posso mandar fritar uma linguiça.

– Pois que venha. Sou louco por linguiça!

O capitão tomou o seu terceiro copo de cachaça. Juvenal, que o observava com olhos parados e inexpressivos, puxou um pedaço de fumo em rama e duma pequena faca e ficou a fazer um cigarro.

– Pois lhe garanto que estou gostando desse lugar – disse Rodrigo. – Quando entrei em Santa Fé, pensei cá comigo: Capitão, pode ser que vosmecê só passe aqui uma noite, mas também pode ser que passe o resto da vida...

– E o resto da vida pode ser trinta anos, três meses ou três dias... – filosofou Juvenal, olhando os pedacinhos de fumo que se acumulavam no côncavo da mão.

E quando ergueu a cabeça para encarar o capitão, deu com aqueles olhos de ave rapina.

– ou três horas... – Completou Rodrigo. – Mas por que é que o amigo diz isso?

– Porque vosmecê tem um jeito atrevido.

Sem se zangar, mas com firmeza, Rodrigo retrucou:

Tenho e sustento o jeito.

– Por aqui hai também muito homem macho.

Houve um silêncio desconfiado, Juvenal pôs de lado a faca e ficou a amaciar o fumo apertando-o na palma da mão esquerda com o lado da direita

(...)

Erico Verrríssimo. O Tempo e o Vento

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

De acordo com o texto gerador I: “O Capitão Rodrigo” é um fragmento do romance e apresenta algumas palavras que não fazem parte de nosso vocabulário, então, para melhor entendimento e interpretação do texto, vamos pesquisá-las:

- a) Apeou
- b) Soslaio
- c) Conciliador
- d) Indiático
- e) Zigomas
- f) Ressequido
- g) Côncavo
- h) rapina

Habilidade Trabalhada

Usar adequadamente o dicionário.

Resposta Comentada

Nesta atividade o aluno irá ampliar seu vocabulário, e descobrirá o prazer do conhecimento do novo, por se tratar de palavras de uso regional. Muitos podem até conhecer as palavras, pois moramos num país multicultural, o que torna tudo ao nosso redor mais fascinante.

- a) Apeou: Pôr a pé; desmontar
- b) Soslaio: de través, de esguelha
- c) Conciliador: Que ou o que concilia.
- d) Indiático: Relativo à Índia. INDIANO
- e) Zigomas: Osso da maçã do rosto.
- f) Ressequido: Seco, desprovido de humildade.
- g) Côncavo: 1. Cujas superfície é esfericamente cavada. s. m. 2. Concavidade.3. Forma côncava.
- h) Rapina: 1. Roubo violento. 2. Pessoa que vive de extorsões.

QUESTÃO 2

As personagens de uma narrativa são classificadas em:

- Protagonista, ou seja, central;
- Antagonista, que se opõe à protagonista, criando tensão;
- Secundária (a), personagem(ns) com menor importância dentro da narrativa.

De acordo com os conceitos acima, classifique as personagens do texto gerador I – O capitão Rodrigo.

Habilidade Trabalhada

Identificar e diferenciar personagens protagonistas a antagonistas.

Resposta Comentada

Por se tratar de um trecho do romance, o texto traz poucos personagens, o que facilita ao aluno chegar à conclusão de que o **Capitão Rodrigo Cambará** é o personagem **protagonista**, pois tudo gira ao redor dele, enquanto o personagem **antagonista** é **Juvenal Terra** e o **secundário** **Nicolau**. Para o aluno ficará fácil identificar e diferenciar os tipos de personagens na narrativa, visto que cada um apresenta um perfil próprio dentro da trama do romance.

TEXTO GERADOR II

Um romance é uma obra de ficção. Porém, o autor utiliza muitos elementos da realidade para construir sua obra. Frequentemente, a miséria e o sofrimento humanos são retratados em obras ficcionais. É o caso de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Esse romance narra a saga de uma família nordestina flagelada pela seca que, por isso, vê-se obrigada a andar pelo sertão à procura de melhores condições de vida.

Mudança

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredia bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, sinhá vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça. Fabiano sombrio, comboio, o aio a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

—Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

No obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo.

A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos.

—Anda, excomungado.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde.

Tinha deixado os caminhos, cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés.

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores. Sinhá vitória estirou o beíço indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto. Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados ao estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena, impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou à espingarda a sinhá Vitória,

pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. Sinhá Vitória aprovou esse arranjo, designou, lançou de novo a interjeição gutural, designou os juazeiros invisíveis.

E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande.

Graciliano Ramos. Vidas Secas

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3

As figuras de linguagem são recursos usados na fala ou na escrita para tornar mais expressiva a mensagem transmitida. Entre elas, destacamos a **Metáfora**, que é uma figura de linguagem em que há o emprego de uma palavra ou uma expressão em um sentido que não é muito comum, em uma relação de semelhança entre dois termos.

Ex.: A menina é uma *flor*.

Com base na explicação acima, responda a questão abaixo referente ao texto gerador II, Vidas Secas, de Graciliano Ramos.

- a) No oitavo parágrafo, Fabiano usa uma metáfora para se referir ao menino. Indique-a.

Habilidade Trabalhada

Identificar as figuras de linguagem recorrentes no gênero estudado.

Resposta Comentada

Trata-se da expressão **obstáculo miúdo**, referindo-se ao filho de Fabiano, que dificultava o trajeto por conta de sua fraqueza. O pai por alguns instantes pensa em se livrar dele como se fosse um fardo que atrapalhava a caminhada pelo sertão.